



## **Comunicação e Políticas Públicas: Um Estudo de Caso Sobre a Literatura de Cordel em Sergipe<sup>1</sup>**

Aline Lisboa da SILVA<sup>2</sup>  
Matheus Pereira Mattos FELIZOLA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Sergipe, SE

### **Resumo**

O cenário das políticas públicas em Sergipe vem passando por mudanças significativas, embora ainda sejam insuficientes as ações culturais aqui existentes. O trabalho em questão faz um recorte da situação por qual perpassa a literatura de cordel, abordando desde aspectos situacionais dessa manifestação popular no estado, até as iniciativas de projetos criados para fomentar as práticas de valorização do gosto popular pelo cordel. Foram realizadas pesquisas de cunho bibliográfico e baseada em entrevistas, a fim de verificar o grau de investimento das políticas públicas na literatura de cordel em Sergipe, além disso, construiu-se ainda um arcabouço histórico sobre essa manifestação cultural. Contudo, percebe-se que a união entre as políticas públicas e a comunicação é um dos formatos mais coerentes de se trabalhar em prol do desenvolvimento cultural, neste caso, direcionado à literatura popular.

**Palavras-chave:** Comunicação, Literatura de Cordel, Políticas Públicas, Sergipe.

### **1. INTRODUÇÃO**

Os fenômenos culturais existem não apenas para serem financiados de modo aleatório. É preciso construir uma base sólida que mantenha o autor direto como instrumento capaz de não somente gerar as idéias formadoras das manifestações populares, como também de gerir esses produtos culturais, que podem ser favorecidos amplamente através da criação de incentivos oriundos das políticas públicas, juntamente com a comunicação.

A imposição de um universo simbólico padronizado através das grandes empresas de comunicação e do poder público acaba por gerar a homogeneização em detrimento ao que poderia ser uma maior diversidade cultural. Conseqüentemente, se faz uma descaracterização do que representa a cultura diante do fenômeno da indústria cultural, que apesar de ditar a formação de modelos simbólicos dos gostos, hábitos e preferências do consumidor, pode

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação - evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda do 6º Semestre do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe, e-mail: enilalisboa@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professor Assistente da Universidade Federal de Sergipe, e-mail: matheusfelizola@infonet.com.br.



também servir de ferramenta essencial para a criação de novos mercados num âmbito mais positivo: a partir da sua abertura à valorização das culturas locais.

E em se tratando de culturas locais, o presente artigo explora no primeiro capítulo a cena da literatura de cordel em Sergipe, de modo a discorrer sobre a resistência do folheto popular em meio aos processos de globalização da atualidade, culminando num breve histórico acerca dos principais ícones do cordel no estado, desmembrados a partir de cinco óticas diferentes: a visão do mestre pioneiro, do representante da categoria, do membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, da cordelista-educadora e por fim do cordelista-acadêmico que compõe a nova geração.

Desta forma, fez-se um apanhado da cena situacional de Sergipe, para então analisar-se o que de concreto existe em relação às políticas públicas voltadas ao cordel. É essencial, portanto, que haja essa via de mão dupla entre a comunicação e o poder público no tocante ao setor cultural. Isso é explicitado de forma mais aprofundada no segundo capítulo, que trata desde a participação do Estado no processo de construção da retomada do cordel sergipano, abordando também sobre a Associação de Cordelistas e Repentistas de Sergipe –ASCORESE – como meio de reafirmação da categoria, chegando até a questão da comunicação como fomento às políticas de incentivo à literatura de cordel.

## **2. A CENA DO CORDEL EM SERGIPE**

A literatura de cordel é uma das expressões máximas da identidade nacional de um povo, visto que exprime realmente a essência cultural de uma região. A questão da tradição é algo muito forte presente no cordel, que acaba transmitindo seu legado, muitas vezes, de geração a geração, como é o caso de cordelistas atuais que foram influenciados pelo pai ou avô. Logicamente as temáticas são reconstruídas ao longo do tempo ao passo que novos acontecimentos surgem e precisam ser adaptadas à realidade social.

A riqueza cultural apresentada pela região nordeste é proveniente da diversidade étnica outrora existente em nosso país, sendo ainda mais intensa na respectiva localidade. Percebe-se o enorme contingente pluricultural representado pelas manifestações folclóricas, crenças, tradições, pelos costumes e ritos originados do povo, todos estes fortemente



influenciados pela cultura ibérica, afro e indígena. E em Sergipe isso não é tão destoante, visto que os folcloristas registram a ocorrência de mais de 200 fatos folclóricos que ainda têm sobrevivido, apesar de não possuir uma efetiva divulgação para que haja um maior conhecimento de quem vive lá fora e até mesmo um reconhecimento por parte dos próprios sergipanos, além de continuamente ter perdido espaço para atrações pré-fabricadas pela indústria cultural:

Ao longo de 31 anos, os Encontros Culturais sondaram o povo, para identificar quais são os fatos folclóricos recorrentes, e que têm sobrevivido, apesar do descaso e da omissão de muitos, e da disputa desigual com os artistas da mídia, patrocinada por outros. Parecendo ser como os gatos, que para o povo têm sete fôlegos, ou sete vidas, os Encontros cobrem, já, uma trajetória singular de investigação, cuja maior marca seria o Atlas Folclórico de Sergipe, de 1977, elaborado a partir das 220 ocorrências devidamente anotadas pelos pesquisadores. (BARRETO, 2007).

Percebe-se, contudo, a relevância dos Encontros Culturais, de um modo geral, no sentido de ainda ofertar certo espaço aos grupos folclóricos, que mesmo tendo grandes dificuldades para manter suas tradições, conseguem expressar a arte popular, seja através de músicas, cantos ou danças. O mesmo ocorre com a literatura de cordel, que apesar de encontrar-se numa situação semelhante à dos grupos folclóricos, sobrevive corajosamente diante do processo de massificação cultural.

E assim como os grupos folclóricos, o cenário da literatura popular apresenta também grandes ícones que permeiam o imaginário popular. Não se tem ao certo registros de quando a literatura de cordel começou a circular em Sergipe, entretanto o que se tem notícia é que o primeiro expoente que deu força ao movimento do cordel no estado foi Sátyro Xavier Brandão, cordelista de Simão Dias, que viveu em Propriá deixando um curto legado de apenas três cordéis por ter morrido ainda muito jovem, são estes: “A triste sorte de Jovelina”, “O exemplo da mocidade” e “Um brasileiro pobre”.

Algum tempo depois, entre a década de 30 e 40, surgiu um paraibano que revolucionaria a cena do cordel em Sergipe, o conhecido Manuel D’Almeida Filho que se tornou mestre dos mestres. Ele chegou a Sergipe já com algumas obras publicadas, e ao longo de sua vida tornou-se o cordelista que mais publicou temáticas diferenciadas em folheto de cordel. A grande importância de Manuel para a literatura de cordel em Sergipe advém da



relação que este tinha com seu discípulo João Firmino Cabral, hoje um dos maiores nomes da literatura de cordel do estado. Foi Manuel D’Almeida Filho quem iniciou João Firmino na seara do cordel, isso quando o jovem Firmino tinha apenas 14 anos, desde então ele não parou mais de escrever cordel, sobrevivendo até hoje dessa arte popular.

A história de João Firmino Cabral funde-se com a história da literatura de cordel em Sergipe, pois ele é um dos ícones que mais serve de referência para retomar alguns detalhes da inserção da cultura do folheto popular no estado. Antes de João Firmino se firmar na cena do cordel sergipano não existia um nome forte para representar o cordel local, entretanto alguns de seus seguidores hoje são considerados também grandes nomes na senda do cordel, tanto em nível de localidade, quanto nacional e até internacional. João Firmino Cabral é conhecido até fora do país, já recebeu visitas de pesquisadores que vieram de diferentes locais só para conhecê-lo, entretanto o próprio afirma que essa valorização muitas vezes acontece com os que são de fora, mas aqui mesmo em Sergipe muitos não reconhecem o trabalho do cordelista, e quando fala isso se refere de modo geral, não apenas ao seu trabalho, que já possui 54 anos de estrada.

A participação de João Firmino Cabral é essencial para o incentivo de novos cordelistas que vão surgindo, como é o caso de Ronaldo Dória, cordelista há apenas nove anos, que diz ser João Firmino seu grande mestre do cordel. Além de fazer a revisão das composições de alguns cordelistas, a exemplo de Ronaldo Dória, o mestre João também ajuda alguns novos cordelistas que vem surgindo na cena da literatura de cordel no estado, como Gigi – diretora de comunicação da Associação de Cordelistas e Repentistas de Sergipe – Chiquinho-do-Além-Mar, Gilmar Ferreira, dentre outros. É notável, portanto que por ser considerada uma grande referência dentre os cordelistas sergipanos, o poeta João Firmino Cabral acaba por conter uma enorme responsabilidade não só no ato de revisar os trabalhos dos colegas, como também de motivá-los a cada vez mais produzir novos trabalhos, através do incentivo que este dá aos companheiros da categoria.

E quando se fala na categoria de cordelistas não tem como fazer a dissociação entre esta e a figura de José Antônio dos Santos, mais conhecido como Zé Antônio, atual presidente da ASCORESE, cuja função primordial é a luta por melhores conquistas da categoria dos cordelistas e repentistas do estado. A história de Zé Antônio no cordel começou quando este ainda era menino, aprendeu primeiro a ler para depois começar a escrever versos. Publicou



seu primeiro cordel ainda muito jovem, o qual não teve uma vendagem muito boa, então passou a escolher temas mais voltados à atualidade para compor seus versos e então começou a prosperar no ramo. Atualmente é professor de história da rede pública de ensino, sendo a venda do cordel um complemento para sua renda. Em 2006 ganhou um importante prêmio a nível nacional, onde ficou em primeiro lugar com uma história que faz menção ao cangaço intitulado “O bandido Cabeleira e o amor de Luisinha”, depois disso foi contemplado em editais como o do BNB de cultura, e até serviu de tema para monografias e trabalhos diversos. Além disso, Zé Antônio tem uma participação política bastante importante para a categoria de cordelistas, sendo ele um dos principais líderes da movimentação cultural na área do cordel em Sergipe.

O primeiro sergipano a fazer parte da Academia Brasileira de Literatura de Cordel foi Gilmar Santana Ferreira, conhecido também como “o caçador de poetas”, e seu papel é fundamental para as questões de políticas culturais na cena do cordel em Sergipe, já que Gilmar foi idealizador de dois importantes projetos para a literatura de cordel sergipana: a Cordelteca, localizada na biblioteca Clodomir Silva e o I Encontro Sergipano de Literatura de Cordel que tinha como proposta conjunta a reabertura da sala de cultura popular na biblioteca Epiphâneo Dórea. Outra grande importância desse poeta popular e também educador é o fato dele sempre ir à busca de novos talentos na área da poesia, seja no cordel ou no repente, Gilmar procura também abrir espaços para esses novos poetas, levando-os à participação de atividades relacionadas à área cultural.

Mas o cordel também possui sua função social e isso é bastante explorado pela cordelista e também pedagoga Izabel do Nascimento, filha de Pedro Amaro do Nascimento um dos grandes nomes da literatura popular em Sergipe, ela procura trabalhar em sala de aula com seus alunos a utilização do cordel para ensiná-los na aprendizagem da leitura, estimulando assim às crianças o gosto pela literatura de cordel desde cedo. Izabel conta que começou no cordel quando criança ouvindo e vendo seu pai, Pedro Amaro, na declamação e composição dos versos. Além disso, ela sempre participou de atividades em que o cordel era contemplado o que foi gerando na poetisa um maior interesse pela magia da escrita dos versos, e após tornar-se pedagoga começou a construir projetos voltados às crianças, sendo que um de seus trabalhos mais significativos chama-se “Adivinhas: enigmas em quadrinhas para crianças”, onde em versos de quatro linhas brinca com as palavras, utilizando também algumas imagens.



A dinamicidade da cultura pode ser observada no âmbito da literatura de cordel através da transcendência de gerações que vão surgindo e agregando novos estilos ao modo de fazer os versos, como é o caso de Eduardo Teles, estudante do curso de história da Universidade Federal de Sergipe e cordelista da nova geração que vem trazendo ao cenário da literatura de cordel novos formatos de composição dos versos. Um dos estilos mais apreciados por Eduardo é o chamado “martelo” ou versos em decassílabos, que é considerado mais difícil e incomum entre os cordelistas de gerações anteriores. Assim como nos grupos folclóricos é importante que haja essa perpetuação gerada pela entrada de novos atores sociais no âmbito da literatura de cordel, onde jovens, em sua maioria acadêmicos, estão dando continuidade à escrita dos folhetos populares. Para Eduardo a literatura de cordel é diversão, mas também acredita que de alguma forma está contribuindo para a perpetuação de uma cultura, a qual ele tanto admira e busca conhecer cada vez mais.

### **3. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A LITERATURA DE CORDEL EM SERGIPE: ELAS EXISTEM?**

Quando se trata de cultura popular, Sergipe pode ser considerado um dos mais ricos e diversificados nesse setor e isso é percebido através das inúmeras manifestações populares existentes no estado, entretanto toda essa variabilidade cultural não possui um planejamento efetivo que culmine em políticas de ações culturais, o que torna mais dificultoso o trabalho do artista popular desencadeando num processo de desconhecimento, tanto de quem não congrega da cultura local, quanto por parte dos próprios sergipanos, que muitas vezes não reconhece as próprias manifestações culturais.

Com relação, mais especificamente, ao universo da literatura de cordel em Sergipe as iniciativas realizadas, em sua grande maioria, provém da própria categoria ou de indivíduos ligados à área da cultura, que não necessariamente estejam envolvidos com órgãos públicos. Isso demonstra o quão defasado ainda se encontra as políticas públicas voltadas à cultura popular no estado, e ainda mais especificamente quando se refere à literatura de cordel:

Recentemente lá na orla no espaço de arte e cultura abriu-se um espaço para o cordel, mas com muita luta porque Zé Antônio, que é presidente da Associação de cordelistas conseguiu junto com outros pra brigar por isso, mas deveria haver incentivo, até porque os cordelistas acabam fazendo propaganda da cidade, em seus versos e quando assinam nos livretos e não



ganham nada com isso. E em Sergipe eu percebo que o incentivo à cultura popular ainda é muito fraco, se comparado ao talento que aqui tem. Um estado que possui mais de trezentas manifestações folclóricas, riquíssimo em cultura popular, mas a própria população não conhece, não existem políticas públicas que favoreçam isso também. (TELES, 2009).

Uma das iniciativas mais relevantes para a cena do cordel em Sergipe aconteceu na década de 70, a chamada Sala de Cultura Popular “Manoel D’Almeida Filho” na Biblioteca pública Epiphâneo Dórea, cuja idealização veio de Jackson da Silva Lima, importante folclorista e historiador sergipano, que juntamente com o então secretário de cultura da época, Luiz Antônio Barreto, colocou na prática o que havia no projeto inaugurando assim um espaço essencial para a comunidade no que tange à pesquisa na área de cordel.

Após algum tempo houve a desativação do espaço, foi quando em 2007 o educador popular e também cordelista, Gilmar Santana Ferreira, criou uma proposta de realizar na Epiphâneo Dórea o I Encontro de Literatura de Cordel trazendo renomados cordelistas de outros estados, promovendo oficinas, palestras e, principalmente, solicitando a reabertura do espaço, o que de fato aconteceu em Agosto daquele ano. Desde então, o local vem funcionando continuamente, especialmente porque a diretora da biblioteca Epiphâneo Dórea, Sônia Carvalho, antes diretora da Biblioteca Municipal Clodomir Silva, estabelece corretamente o funcionamento do mesmo, mantendo também um cordelista responsável pela Sala de Cultura Popular.

Outra iniciativa, também de Gilmar Ferreira, foi a Cordelteca considerada a primeira do país, esta foi inaugurada em 2003 na Biblioteca Municipal Clodomir Silva, que na época era dirigida por Sônia Carvalho. O local vem sendo mantido em colaboração com a FUNCAJU (Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Esportes) que aprovou o projeto e abriu uma sala específica, intitulada “João Firmino Cabral”. A Cordelteca reúne diversos números de folhetos populares dos mais variados cordelistas do estado, sendo uma importante fonte de pesquisa e entretenimento para a população sergipana.

Além destes espaços públicos que contemplam o universo da literatura de cordel existem também outras iniciativas que estão dando mais visibilidade ao cenário do folheto popular em Sergipe, como o *stand* dos cordelistas na Feira de Sergipe, realizada todos os anos pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas); a Casa do



Cordel, localizada no Arraiá do Povo (Orla de Atalaia), também iniciativa da categoria de cordelistas, mais precisamente de Chiquinho-do-Além-Mar, cuja participação é efetiva e incentivadora para os demais colegas; a bancada fixa no Centro de Arte e Cultura na Orla de Atalaia também foi uma dura conquista da ASCORESE (Associação de Cordelistas e Repentistas de Sergipe), que também vem realizando eventos diversos na área da cantoria popular como a I Feijoada da Poesia, que aconteceu em março deste ano no Centro de Criatividade, e a Cantoria da Bodega da Gabriela, já em sua 5ª edição com a participação de quase duzentas pessoas.

Mas apesar da realização de diversas iniciativas, majoritariamente advindas da própria categoria, ainda é muito pouco o que se faz pelos cordelistas no estado de Sergipe. E para o fortalecimento destes criou-se então a maior de todas as iniciativas existentes: a Associação de Cordelistas e Repentistas de Sergipe (ASCORESE), que surgiu para dar mais credibilidade e impulsionar as citadas categorias em suas conquistas por um espaço mais democrático na cena cultural do estado. A partir da criação da ASCORESE alguns órgãos públicos ligados ao Estado e ao Município (Secretaria de Estado da Cultura, FUNCAJU) começaram a de fato dialogar com as categorias passando a apoiar algumas atividades de iniciativa dos próprios artistas populares, e muitas vezes esse auxílio chegava com muita resistência por parte dos órgãos, o que dificultava bastante para os poetas populares, que acabava tirando do próprio bolso para bancar as atividades propostas.

Entretanto, a partir do momento que o poder público começa a apoiar o movimento da literatura de cordel em Sergipe, mesmo que ainda timidamente, algumas questões também são levantadas como a interferência desses órgãos no modo de construção das atividades, como por exemplo, a dimensão de eventos organizados pelos cordelistas, até então restritos a pequenos grupos, passa a compor uma abrangência maior tornando as atividades diferenciadas em alguns aspectos particulares, como é o caso da Feira de Sergipe, organizada pelo SEBRAE, que a cada ano ganha maior dimensão, perdendo algumas peculiaridades, antes improvisadas pelos poetas populares, como a própria forma de decoração do *stand* ou ainda a abordagem aos turistas, que passou a não ser mais realizada através da cantoria popular, em virtude de uma padronização concebida por alguns organizadores do evento; em contrapartida para as categorias preteridas ocorreram mais vantagens que prejuízos, já que os poetas passaram a ter um público maior para mostrar seus trabalhos e assim lucrar com isso.



A reivindicação de espaços para as categorias também é algo de bastante relevância que vem sendo realizada pela ASCORESE. Antes existiam indivíduos que lutavam por causas de modo mais particular, agora um grupo constituído de representação política, através de uma entidade, passa a fazer as devidas cobranças institucionais aos órgãos públicos, que geralmente fazem muitas promessas, mas quase não cumpre nenhuma, como é o caso do poeta popular João Firmino Cabral que desde 2006 possui um espaço fixo no Mercado Municipal de Aracaju, todavia a tão prometida banca ainda não foi construída, tendo ele mesmo que arcar com as despesas da construção desta, para assim comercializar seus folhetos:

A prefeitura prometeu fazer minha banca aqui no mercado, desde 2006 e até hoje espero. Nunca me beneficie de nada, um dia pode acontecer, mas até agora não vi. Em 2006 eles colocaram aqui essa placa me cedendo esse espaço, mas a banca quem construiu fui eu, mas cadê? E como sou parente de São Tomé, só quando eu ver pra crer. (CABRAL, 2009).

Outro passo importante dado pela ASCORESE foi a conquista de uma bancada fixa no Centro de Arte e Cultura da Orla de Atalaia, onde todas as noites os cordelistas se encontram para divulgar seus trabalhos e vendê-los. Para eles o espaço foi essencial não somente em nível de comercialização dos folhetos, mas também para fazer o turista conhecer um pouco sobre a cultura popular nordestina, promovendo assim a difusão da ideologia do cordel.

Na área educacional a Associação tem fundamental importância quando busca dialogar com os espaços formais de ensino seja em universidades, escolas, ou ainda quando integrantes da ASCORESE dão palestras sobre a importância da literatura de cordel na educação. Como alguns de seus membros são professores, o canal entre o cordel e a educação é contínuo, isso pode ser percebido claramente através de metodologias aplicadas em sala de aula com o folheto, como é o caso da pedagoga e cordelista Izabel Nascimento, uma das poucas mulheres que fazem parte da ASCORESE, que procura trabalhar o gosto pela leitura do folheto popular com crianças em sala de aula.

Sabe-se, no entanto, que a difusão de produtos simbólicos está praticamente sob monopólio de grandes grupos multinacionais, que acabam por ditar como se constrói todo o processo de formação de bens culturais, mesmo assim ainda existem alternativas a serem



criadas frente a esse fato que podem remodelar o conceito do que pode ou não ser “ofertado” culturalmente. A saída mais eficaz é tentar distribuir de forma mais equilibrada os chamados produtos culturais, a fim de promover a participação de novos atores sociais nesse processo de construção dos bens culturais, como afirma Montiel (p.161, 2003):

Distribuir a oferta cultural mais equitativamente, com perspectiva de formação de novos participantes ativos na vida cultural criativa. Isto implica criar e atrair novas audiências, aprofundar o conhecimento naquelas que já têm acedido a um consumo artístico e cultural e, em particular, integrar as comunidades na animação, gestão, financiamento e promoção da cultura e das artes.

Desta forma, o autor corrobora que é possível criar uma base local auto-sustentável de modo que não apenas o Estado tenha a obrigação de propor medidas rentáveis aos mais diversos setores da economia da região, como também aos autores da criação desses símbolos tradicionais, no caso do trabalho em questão faz-se referência aos cordelistas sergipanos, que juntamente com o poder público pode integrar o funcionamento de projetos e atividades a serem propostas, como é o caso da reativação da Sala de Cultura Popular, que atualmente é gerenciada por Zezé de Boquim, renomado cordelista da localidade.

O aproveitamento de espaços como a Sala de Cultura Popular e a Cordelteca são fundamentais para incentivar o gosto pela leitura dos folhetos à população, além de reafirmar a importância do cordel para a educação e o lazer. Nesse sentido a comunicação tem uma importância essencial no que tange à difusão desses espaços como referências no âmbito cultural, sobretudo por estarem localizados em bibliotecas públicas, as quais simbolizam meios formais de detenção do saber.

E em se tratando da comunicação como fomento às políticas de incentivo à literatura de cordel, não se pode deixar de abordar o quanto a publicidade vem promovendo uma verdadeira revolução no campo da simbologia através das criações de novos hábitos e costumes que culminam em novas experimentações de consumo. Bom exemplo disso é o quanto está ascendendo a valorização das culturas regionais em todo arcabouço midiático, com a presença de elementos ligados ao folclore de cada localidade. Isso demonstra que já existem propostas inovadoras da abordagem de modelos que ainda não se encontram saturados, como é caso da cultura popular nacional, que atualmente vive uma fase mais enriquecedora no que concerne a sua difusão pelo pólo midiático.



Mas muito embora essa divulgação com fins de valorização da cultura popular pela população seja algo bastante relevante, é necessário também, segundo Montiel (p.163, 2003): “Dar voz a essa pluralidade de expressões e tradições de maneira que favoreça e seja rentável a seus autores diretos, e não acabe como riqueza econômica nas mãos de um par de monopólios internacionais.” O que se conclui com essa afirmação é que o principal objetivo dessa ação de política cultural é estabelecer até que ponto os atores sociais, produtores dessas manifestações populares, têm poder de estabelecer um conceito sobre seu próprio significado para a comunidade, e assim participar do processo de construção dos bens simbólicos. E a interferência do Estado em todo esse processo como fica?

Logicamente, não se pode ter uma visão utópica da participação do poder público nessa seara ao ponto de não crer que este adotará uma postura meramente beneficente, entretanto o mais correto é que ambos saiam ganhando nessa construção de políticas públicas para a senda cultural, de um lado autores diretos, através da difusão de seus trabalhos e maior rentabilidade para as categorias, de outro órgãos privados e públicos, a fim de conquistar maior prestígio social e valorização da marca. Desta forma as políticas públicas juntamente com a ferramenta comunicacional servem de fomento aos projetos culturais, tornando-se indispensáveis para a promoção do desenvolvimento social das comunidades.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A carência de políticas voltadas à valorização das culturas populares em Sergipe se faz presente diante das diversas manifestações culturais existentes, e com a literatura de cordel isso se torna ainda mais agravante, visto que essa manifestação não é apenas local, mas abrange toda a região nordeste sendo, portanto, maior a sua dimensão para com o público apreciador do folheto popular.

Embora haja uma efervescência na produção do cordel em Sergipe, praticamente não existem políticas públicas direcionadas à valorização deste, o que permite um maior desconhecimento por parte do sergipano da própria cultura, além de não permitir aos cordelistas maior reconhecimento de seus trabalhos por conta da falta de investimentos dos setores públicos competentes. Frente a isso existe ainda a problemática da ausência de



divulgação por parte da mídia, que esmagadoramente deixa de difundir bens culturais populares para disseminar bens simbólicos padronizados, oriundos da indústria cultural.

A informação cultural desempenha um papel essencial no que tange à construção de políticas culturais eficazes e para tanto, é importante que se faça a integração dessa informação cultural em estratégias de desenvolvimento social. Mas como gerar ações culturais impactantes e de alta funcionalidade? Na verdade não existe apenas uma resposta a essa questão, mas uma forma competente de se chegar a um resultado esperado é a criação da cooperação cultural entre os atores sociais: poder público, autores diretos e setores organizados da comunicação. A proposta é descentralizar ao máximo trabalhando em regime de coletividade, onde cada um possa desenvolver sua função de modo eficiente, com base no sistema de pesquisa e informação cultural.

Através desse enfoque entende-se que é necessário investir na comunicação como meio de propagação, mas principalmente como instrumento de pesquisa para converter as informações adquiridas em projetos empreendedores que fomentem o mercado do consumo cultural de bens simbólicos populares. Obviamente que de modo organizado e responsável, sem causar prejuízos aos artistas e principalmente gerando renda e estimulando a vida social e econômica da comunidade local.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antônio Augusto. **O trabalho e a fala:** estudo antropológico sobre os folhetos de Cordel. São Paulo: Kairos.
- BARRETO, Luis Antônio. **Portal Infonet.** Disponível na Internet via: [http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=53718&titulo=Luis\\_Antonio\\_Barreto](http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=53718&titulo=Luis_Antonio_Barreto). Acesso em: 15 jun. 2009.
- CABRAL, João Firmino. **Entrevista concedida a Aline Lisboa da Silva em:** 12 jun. 2009.
- CAVALCANTI, Maria Laura. Cultura e Saber do Povo: uma perspectiva antropológica In: LONDRES, Cecília. **Revista Tempo Brasileiro.** Patrimônio Imaterial. Out-Dez, n °147. pp. 69-78. Rio de Janeiro, 2001.
- COELHO, Teixeira. **Usos da cultura:** políticas de ação cultural. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1986. 124 p.
- FERREIRA, Gilmar Santana. **Entrevista concedida a Aline Lisboa da Silva em:** 12 jun. 2009.



MONTIEL, Edgar. A comunicação no fomento de projetos culturais para o desenvolvimento p. 159-172 In: CANCLINI, Nestor. **Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura**. Brasília, DF: UNESCO, 2003. 236 p.

NASCIMENTO, Izabel Cristina Santana do. **Entrevista concedida a Aline Lisboa da Silva em: 10 jun. 2009.**

PROENCA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1977.

REVISTA OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. Quadrimestral. Índice acumulado.

RICO, Elizabete de Melo (Org.). **Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate**. 5 ed. São Paulo: Cortez, IEe, 2007. 155 p.

SANTOS, José Antônio dos. **Entrevista concedida a Aline Lisboa da Silva em: 05 jun. 2009.**

TELES, Eduardo Lopes. **Entrevista concedida a Aline Lisboa da Silva em: 20 mai. 2009.**